

Do Fascismo Clássico ao Neofascismo Brasileiro

From Classical Fascism to Brazilian Neofascism

Del Fascismo Clásico al Neofascismo Brasileño

Antonia Márcia da Silva Magalhães ¹
Universidade Federal do Piauí, Brasil.

Maria Escolástica de Moura Santos ²
Universidade Federal do Piauí, Brasil.

Pedro Pereira dos Santos ³
Universidade Federal do Piauí, Brasil.

Resumo

Este trabalho, parte de uma dissertação de mestrado em Educação e tem objetivo demonstrar a relação entre o fascismo clássico e o neofascismo no Brasil durante o governo de Jair Bolsonaro (2019-2022). A pesquisa fundamenta-se no materialismo histórico e dialético, especialmente nas obras de Karl Marx, Antonio Gramsci e Gyorgy Lukács, buscando ir além das aparências para captar a essência do fenômeno. Por meio de uma revisão bibliográfica, analisa-se a literatura sobre o fascismo, suas disputas filosóficas, políticas e ideológicas, estabelecendo conexões entre o fascismo das décadas de 1920-1940 — notadamente na Itália e Alemanha — e o neofascismo contemporâneo. Identifica-se que, embora o neofascismo adote uma nova aparência, mantém características centrais como o anticomunismo, a exaltação de um passado idealizado e o ataque a grupos historicamente marginalizados, como mulheres, negros e indígenas. Conclui-se que o fascismo não é um fenômeno restrito ao século XX, mas uma manifestação recorrente do sistema capitalista em momentos de crise, como já apontava Gramsci, ressurgindo como uma "guardiã" do capital, adaptando-se aos novos contextos sem perder sua essência autoritária e excludente.

Palavras-chave: Fascismo. Neofascismo. Antonio Gramsci. Educação.

Abstract

This work is part of a master's dissertation in Education and aims to demonstrate the relationship between classical fascism and neofascism in Brazil during the government of Jair Bolsonaro (2019–2022). The research is based on historical and dialectical materialism, especially the works of Karl Marx, Antonio Gramsci, and Gyorgy Lukács, seeking to go beyond appearances to grasp the essence of the phenomenon. Through a bibliographic review, the study analyzes the literature on fascism, its philosophical, political, and ideological disputes, establishing connections between fascism from the 1920s–1940s—particularly in Italy and Germany—and contemporary neofascism. It identifies that although neofascism presents a new appearance, it

¹ Mestrado em Educação. Universidade Federal do Piauí. Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-0343-763X>. Contato: marciamagalhaes989@gmail.com

² Doutorado em Educação. Universidade Federal do Piauí. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3407-9496>. Contato: escol.santos@ufpi.edu.br.

³ Doutorado em Educação. Universidade Federal do Piauí. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0312-0000>. Contato: pedrosantos@ufpi.edu.br.



retains core features such as anti-communism, glorification of a mythical past, and attacks on historically marginalized groups, such as women, Black people, and Indigenous peoples. The study concludes that fascism is not a phenomenon restricted to the 20th century but a recurring manifestation of the capitalist system in times of crisis. As Gramsci had already pointed out, fascism resurfaces as a “guardian” of capital, adapting to new contexts without losing its authoritarian and exclusionary essence.

Keywords: Fascism. Neofascism. Antonio Gramsci. Education.

Resumen

Este trabajo forma parte de una tesis de maestría en Educación y tiene como objetivo demostrar la relación entre el fascismo clásico y el neofascismo en Brasil durante el gobierno de Jair Bolsonaro (2019-2022). La investigación se fundamenta en el materialismo histórico y dialéctico, especialmente en las obras de Karl Marx, Antonio Gramsci y György Lukács, buscando ir más allá de las apariencias para captar la esencia del fenómeno. Mediante una revisión bibliográfica, se analiza la literatura sobre el fascismo, sus disputas filosóficas, políticas e ideológicas, estableciendo conexiones entre el fascismo de las décadas de 1920-1940 —notadamente en Italia y Alemania— y el neofascismo contemporáneo. Se identifica que, aunque el neofascismo adopta una nueva apariencia, mantiene características centrales como el anticomunismo, la exaltación de un pasado idealizado y el ataque a grupos históricamente marginados, como mujeres, afrodescendientes e indígenas. Se concluye que el fascismo no es un fenómeno restringido al siglo XX, sino una manifestación recurrente del sistema capitalista en momentos de crisis, tal como ya señalaba Gramsci, resurgiendo como una “guardián” del capital, adaptándose a los nuevos contextos sin perder su esencia autoritaria y excluyente.

Palabras clave: Fascismo. Neofascismo. Antonio Gramsci. Educación.

INTRODUÇÃO

Este texto integra uma dissertação de mestrado em Educação e tem como objetivo central demonstrar as relações entre o fascismo clássico e o neofascismo no Brasil durante o governo de Jair Messias Bolsonaro (2019–2022). Para tanto, percorremos a imensa *Selva de Papel* que constitui a literatura sobre o fascismo, marcada por disputas políticas, filosóficas e ideológicas (Konder, 2009), com o intuito de compreender as conexões entre o fascismo que emergiu no contexto do pós-Primeira Guerra Mundial — especialmente na Itália e na Alemanha — e as formas contemporâneas do neofascismo que se manifestam no Brasil, bem como em diversos países da América Latina e do mundo. Ainda que o neofascismo adote novas roupagens, preserva traços centrais da matriz autoritária original, como o anticomunismo, a exaltação de um passado idealizado e o desprezo pelas classes populares.

Nesse contexto, a reflexão de Antonio Gramsci, no texto *A máscara e o rosto* (1916), torna-se especialmente relevante. O autor narra o episódio em que quatro mulheres veteranas da feira de Novara foram apontadas por policiais como possíveis batedoras de carteiras por carregarem máscaras e perucas em suas bolsas — mesmo sem terem sido flagradas em ato ilícito. Gramsci comenta que, embora tal atitude pudesse

parecer suspeita, era, na verdade, inofensiva diante das inúmeras máscaras cotidianamente utilizadas por homens que, sob o disfarce da honestidade, seriedade e cavalheirismo, ocultam práticas perversas. Para ele, essas máscaras sociais são ainda mais perigosas, pois apenas após o engano percebemos que não se tratavam de rostos verdadeiros, mas de dissimulações cuidadosamente construídas (Gramsci, 2022).

Tais máscaras funcionam, aqui, como metáfora potente para compreender o neofascismo como uma força política que se apresenta sob discursos aparentemente legítimos ou democráticos, mas que oculta em sua base a mesma lógica excludente, autoritária e violenta do fascismo histórico.

A abordagem metodológica adotada é o materialismo histórico-dialético, fundamentado principalmente em Karl Marx, Antonio Gramsci e György Lukács. Essa perspectiva parte da análise concreta da realidade e busca ultrapassar a aparência fenomênica dos fenômenos sociais, a fim de alcançar sua essência, trabalhando com as categorias de universalidade, singularidade e particularidade (Netto, 2011).

Como instrumento de produção de dados, utilizamos a pesquisa bibliográfica, entendida, segundo Gil (2002), como o levantamento, análise e interpretação das contribuições de diversos autores sobre um determinado tema, o que permite o aprofundamento teórico e crítico da problemática investigada.

Compreender o fascismo como um fenômeno histórico e ideológico em constante metamorfose é reconhecer que ele não se limita a uma configuração ou período específicos. Trata-se de uma ideologia que, embora tenha surgido em um contexto europeu do século XX, reaparece sob novas formas em diferentes tempos e locais, sempre ajustando seus mecanismos de dominação às realidades sociais, econômicas e políticas em vigor. No Brasil contemporâneo, observamos a reatualização de práticas, discursos e valores que dialogam profundamente com os fundamentos do fascismo clássico, ainda que camuflados por uma estética de modernidade e validados pelas estruturas democráticas. Diante disso, propomos analisar de que maneira o neofascismo se manifesta no cenário brasileiro atual, com ênfase no período do governo Bolsonaro.

O NEOFASCISMO BRASILEIRO: UMA NOVA MÁSCARA DO FASCISMO CLÁSSICO

O termo fascismo nos últimos anos tem sido demasiadamente citado e debatido em diversos espaços como jornais, plataformas digitais e universidades, o que tem gerado

importantes discussões para o entendimento da sociedade civil sobre o ocorrido após as duas grandes guerras, em especial na Itália sob domínio de Mussolini e na Alemanha de Hitler. Todavia, assim como naqueles contextos históricos não falta também aqui o uso demagógico desse conceito.

Nesse cenário, surge a discussão efervescente se o fascismo é de esquerda ou de direita. A partir de Bolinaga (2007), Togliatti (1978) e Zetkin (2019), entendemos que o fascismo é ideologia heterogênea que varia conforme o contexto socio-histórico e as ambições de seu líder político. Assim, não é um movimento que podemos de imediato enquadrar à direita ou à esquerda, mas é próprio do sistema do capital, logo em determinado contexto e/ou época se camufla no que lhe for mais favorável.

Para Zetkin (2019, p. 14), líder marxista alemã, mesmo que há “algum nível de semelhança entre a maioria dos movimentos e regimes de direita, o fascismo em si é um fenômeno muito específico, com características únicas”. Nessa mesma linha, Bolinaga (2007) afirma que o fascismo não é de direita e nem de esquerda, mas uma terceira via revolucionária, de caráter antissistema, o que o distancia do extremismo de centro.

No entanto, para Konder (2009), o fascismo foi um fenômeno reacionário originado no período da expansão territorial das grandes potências europeias e que se sustenta em ideologias conservadoras, apesar de apresentar-se como modernizador. É um fenômeno chauvinista, pois tem em seu projeto de governo políticas anti-imigratórias. Além disso, defende a supremacia do Estado como principal meio para a concentração do capital, sendo assim uma reação antiliberal. É antidemocrático, porque nega os princípios da democracia burguesa como liberdade e igualdade. Comporta-se como antissocialista, pois tem como uma das suas principais armas o ataque às organizações comunistas. E é anti-operário porque esse fenômeno combate assiduamente a classe trabalhadora e extingue seus direitos conquistados via legalidade burguesa, assim como também aniquila suas organizações políticas.

Desse modo, entendemos que o fascismo varia conforme o contexto histórico, geográfico e político. Se na Itália, conforme Bolinaga (2017) e Togliatti (1978), esse movimento na sua fase inicial não apresentava uma ideologia clara, mas mista que aliava diferentes pautas, desde as demandas da classe trabalhadora as dos industriais do norte e ruralistas do sul. No Brasil o neofascismo encontrou nas organizações e partidos políticos de extrema-direita seus grandes aliados.

Por exposição didática, em nossas discussões consideraremos no fascismo clássico essencialmente o fascismo italiano por este ter influenciado vários movimentos

na Europa e em todo o Globo nos anos que sucederam as duas grandes guerras mundiais, inclusive a Alemanha hitlerista. Não é por acaso que ao se referir à palavra fascismo, a primeira coisa que vem à memória da maioria das pessoas é o fascismo italiano e alemão, como afirma Owell (2017). Todavia, entendemos que o fascismo, ainda que tenha sua origem no período de entreguerras, varia conforme as condições políticas, sociais e econômicas de cada país e/de cada tempo histórico (Bolinaga, 2007; Konder, 2009; Togliatti, 1978 e; Zetkin, 2009).

Nesse ínterim, parafraseando Carvalho (2017) e Mészáros (2006), compreendemos que tanto o fascismo de entreguerras quanto o neofascismo no século XXI são expressões da irracionalidade humana. Se ao longo da história o ser humano desenvolveu sua racionalidade através do processo de trabalho a fim de produzir valores de uso, aprimorando seus meios de sobrevivência, hoje, segundo Carvalho (2017, p. 36), “a racionalidade já não é a mesma, sofreu uma ruptura. A racionalidade que preside a produção de valores de uso (suportes materiais dos valores de troca) choca-se com a irracionalidade da sociedade produtora de mercadorias, presidida, como tal, pela relação-capital”. Assim, na atual sociedade do capital a racionalidade está circunscrita à produção de mais-valia, não importa as consequências que isso possa causar, seja a destruição do meio ambiente, a exploração sem limites da classe trabalhadora ou o confinamento da liberdade de expressão e propagação do terror e do medo.

Recordemos que diante da crise da sociedade do capital, o fascismo surgiu na Itália como a grande solução de todos os problemas sociais, políticos e econômicos. Para tanto, ultrapassou todos os limites da racionalidade histórica, tornando-se então, uma das mais extremas demonstrações da irracionalidade humana. Mussolini não poupou a pluralidade de ideias como também perseguiu, aprisionou matou os que se opunham ao seu governo, dentre eles, António Gramsci e tantos outros, liberais e comunistas.

Para Mészáros (2006), nosso momento atual também está marcado por uma profunda crise na própria estrutura do sistema do capital iniciada nas últimas décadas do século XX e vem se agravando ao longo dos anos. Em tempos de crise, as técnicas manipulatórias, como o sistema de internalização, não são suficientes. Por isso, “a questão mais importante é que as instituições do capitalismo são inerentemente violentas e agressivas; são construídas sobre a seguinte premissa: “guerra, se os métodos ‘normais’ falharem” (Mészáros, 2006, p. 282). Foi pensando em solucionar seus problemas socioeconômicos que liberais, católicos, nacionalistas e alguns membros do Partido

Socialista Italiano (PSI) defenderam a entrada da Itália na Primeira Guerra Mundial em 1915 (Duggan, 2016).

Assim, conforme Meszáros (2006), diante da permanente crise do capital os problemas não são solucionados, mas apenas adiados ou lançados para o plano militar. Por isso, do mesmo modo que as utopias educacionais de Schiller, Adam Smith e Robert Owen, as reformas educacionais como a do Ensino Médio e Base Nacional Comum Curricular (BNCC) apontam os problemas na educação, mas não desvelam as fissuras da estrutura do sistema. Cury, Reis e Zanardi (2018) acrescentam que o currículo escolar historicamente é um espaço de disputas e a tradição de reformas educacionais tem atribuído ao currículo os problemas de qualidade da educação, bem como a responsabilidade pela superação das mazelas e desigualdades sociais.

Meszáros (2006) acrescenta ainda que, diante de contextos desfavoráveis para a manutenção do *status quo* burguês, o conflito bélico é a única solução possível. Foi em um contexto de intensas manifestações da classe trabalhadora e perda de privilégios da pequena e grande burguesia que a Itália entrou na primeira Guerra Mundial em busca de solucionar seus problemas econômicos, políticos e sociais.

Foi nesse contexto que o fascismo clássico teve início e na segunda década do século XX de forma processual ganhou força e se efetivou na Itália. Esse movimento quando emergiu não tinha um programa político já consolidado e demandou a conquista de forças políticas, religiosas e econômicas para se implantar como política de Estado.

Para Togliatti (1978), o fascismo não nasceu totalitário, mas tornou-se totalitário. O que significa que se sustentou tanto na construção do consenso para conquista de forças aliadas, quanto posteriormente no predomínio da força contra os seus opositores. Já para Gramsci (2004), quando Mussolini chegou no poder todos os sustentáculos do estado passaram para o lado do fascismo, como o exército, a polícia e a magistratura. Por isso, para o líder do Partido Comunista Italiano (PCI), não existe Democracia, mas ditadura permanente, porque a qualquer momento a classe trabalhadora pode sofrer as investidas reacionárias do capital.

Nessa acepção, entendemos que o fascismo foi um fenômeno que se originou de entrelaçamento de fatores econômicos, políticos e sociais num contexto de conflito armado mundial (1914-1918). Mas isso não significa que alguns de seus elementos, mesmo modificados ao longo do processo histórico, não possam influenciar grupos de extrema-direita que, embora neoliberais, defendem o aniquilamento de vozes antagônicas.

Segundo Boito (2020), do mesmo modo que há várias discussões que caracterizam o governo de *Donald Trump* - que perdurou de 2016 a 2020 nos Estados Unidos - de fascista também ocorre no Brasil com o governo de Jair Bolsonaro (2019-2022). Entretanto, o que ocorreu no país latino-americano foi um movimento neofascista em uma democracia que na sociabilidade burguesa é fragilizada.

Tendo isso em vista, para o supracitado autor, o conceito de fascismo não é específico da Itália e da Alemanha. Ele pode ser generalizado como outros conceitos como Democracia, República e Monarquia, o que significa que o fascismo apesar de possuir suas raízes na década de 1920, tem suas variações como afirmam Konder (2009); Orwell (2017); Togliatti (1978) e Zetkin (2009).

Para Cavalcante (2020), mesmo que a maioria dos 57 milhões de pessoas que elegeram Bolsonaro em 2018 não seja formada por defensores declarados de políticas autoritárias ou fascistas, todos apoiaram um candidato que de maneira explícita e assumida defendeu ferrenhamente a ditadura militar no Brasil e a tortura dos seus dissidentes. Além de prometer criminalizar organizações consideradas por ele de socialistas — como o Partido dos Trabalhadores (PT), a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). Comprometeu-se, ainda, em dar carta branca para a polícia executar cometedores de atos ilícitos, com a liberação do porte e posse de armas em prol da propriedade privada e questionou o sistema eleitoral vigente e as instituições da democracia liberal.

Compreende-se a partir de Gramsci, que o que acontece no Brasil e no mundo não é uma mera crise dos regimes democráticos, mas uma crise de hegemonia da classe burguesa que se sente ameaçada. Para Gramsci (2004, p. 104), “não existe a democracia: existe a ditadura, isto é, a reação permanente”, porque essa democracia é determinada pela legalidade burguesa. Na medida em que o poder da classe dominante é ameaçado pelas crises peculiares da sociabilidade do capital, reduz-se drasticamente os direitos conquistados pela classe trabalhadora via aparato democrático.

Nesse contexto, diferente do fascismo italiano, no governo de Jair Bolsonaro, o que ocorreu foi um movimento neofascista que tentou se implantar em uma democracia fragilizada, peculiar da sociabilidade burguesa (Boito, 2020). Democracia debilitada porque é regida pelo ordenamento do capital, no qual os governantes submetem-se aos financiadores dos seus mandatos e aprovam projetos de leis que atendem às classes dominantes em detrimento dos interesses dos subalternos.

É nesse cenário marcado pela defesa da lógica do capital que se define o modelo de educação para a elite e para a classe trabalhadora. Foi comprometido com a perspectiva empresarial que Milton Ribeiro – ex-ministro da Educação de Bolsonaro – afirmou no programa Sem Censura da TV Brasil e foi publicado nos mais diversos meios de comunicação que a formação em nível superior não deveria ser para pobres. Para estes, defendeu uma educação técnica que os prepara para a inserção imediata no mercado de trabalho.

Essa é uma concepção meritocrática que está sendo difundida no país. Infelizmente muitas pessoas da classe trabalhadora absorvem tal ideia contra elas mesmas. Nesse caso, o pensamento gramsciano é uma chave de leitura interpretativa da ideologia dominante, que instiga os sujeitos históricos a rejeitarem a barbárie e a lutarem pela sua superação.

Entendemos, a partir do diálogo com Antonio Gramsci, que o que acontece no Brasil e em outros países não é apenas uma crise econômica surgida em decorrência da pandemia da Covid-19, como divulgam nos meios de comunicação, pois ela é a expressão de uma crise mais profunda que se instala na economia e perpassa outras esferas da vida humana.

Gramsci (2004) ensina-nos a compreender o fascismo como uma política da pequena e média burguesia, que surgiu na Itália para barrar a revolução proletária. Esse país sofreu várias perdas humanitárias e econômicas na Primeira Guerra Mundial, o que resultou numa imensa crise de hegemonia burguesa, no fortalecimento do Partido Socialista Italiano (PSI), no aumento de desempregos, no movimento de ocupação de fábricas e na ampliação de greves dos trabalhadores. O Partido Nacional Fascista (PNF) surgiu com a proposta de solucionar esses problemas, chegando a eleger diversos deputados.

Similar ao surgimento do fascismo na Itália, no Brasil a ascensão do governo neofascista de Jair Bolsonaro ocorreu em virtude da crise econômica, política e social que ocasionou a perda de privilégios da pequena e média burguesia, levando estes estratos sociais a serem a principal base de massa desse governo.

Gramsci ao longo de suas obras afirma que o fascismo foi uma reação do grande capital que encontrou na pequena burguesia sua principal base de apoio. O texto que melhor resume essa afirmação é seu conhecido artigo *Il popolo delle scimmie* (O povo dos macacos), publicado no *L'Ordine Nuovo* em 2 de janeiro de 1921. Nesse texto, Gramsci recupera sucintamente alguns elementos da trajetória histórica da pequena

burguesia desde o final do século XIX até início do século XX, afirmando que com o desenvolvimento do capitalismo esse estrato social perde espaço no campo da produção e se transforma em uma classe especialmente política, e se põe a serviço do governo por meio da corrupção parlamentar e das demais instituições sustentáculos do estado como o exército, a polícia e a magistratura (Fresu, 2019).

Sendo assim, os tempos de crises que ocasionam perdas de privilégios sociais dessa fração de classe, levam-na a corromper todas as instituições, revelando-se como verdadeira escrava do capitalismo e, sobretudo, como anti classe trabalhadora.

Não obstante, para Zetkin (2019, p. 89), os apoiadores do fascismo italiano eram bastantes heterogêneos, incluía pequena e média burguesia, classe trabalhadora, intelectuais, ex-oficiais e, em geral, todos os “politicamente desabrigados”, tanto os desiludidos com o Partido Socialista Italiano (PSI), quanto os milhares que ficaram pauperizados pela decadência econômica do capitalismo e a desintegração do Estado burguês após a entrada da Itália na Primeira Guerra Mundial.

Zetkin (2019, p. 53) destaca, ainda, a importância de não encarar o fascismo somente como um fenômeno militar – erro que o Partido Comunista Italiano (PCI) cometeu – mas também seus aspectos ideológicos e políticos. Para a autora, “antes de abater o proletariado por meio de atos de terror, o fascismo italiano já tinha assegurado uma vitória ideológica e política sobre o movimento dos trabalhadores”.

Concordamos com a citada autora marxista que o fascismo chegou em sua falência ideológica depois das inúmeras contradições entre o que prometeu e entregou às massas, porém, inicialmente foi vitorioso.

Nesse processo, o Partido Fascista Italiano (PSI), considerado por Gentile (2005) como o Grande Pedagogo, teve um importante papel na fascistização das massas ao educar a população trabalhadora conforme seus ideais.

Além do PSI, único partido que não foi ilegalizado pelas leis fascistas⁴, Mussolini criou a *Opera Balilla* que tinha como objetivo unificar, educar, doutrinar e disciplinar jovens menores que 14 anos de idade (Togliatti, 1978); apoiou as ações dos Litorais de cultura⁵; criou a *Opera Nazionale Dopolavoro* (OND)⁶; aprovou a reforma escolar de Giovanni Gentile; fez fortes investimentos na indústria cinematográfica, fundou os

⁴ Leis criadas em 1925 que proibiram as liberdades individuais e de imprensa, tornando ilegal as organizações políticas proletárias.

⁵ Promoviam atividades de arte e discussões políticas uma vez por ano com a participação dos estudantes universitários (Togliatti, 1978).

⁶ Organização que promovia atividades recreativas aos trabalhadores (esportes, apresentações artísticas e culturais) em diversas localidades (Togliatti, 1978).

estúdios de *Cinecittá* e a Mostra Internacional do Cinema de Veneza, dentre outros feitos educativos e propagandísticos em prol da difusão da ideologia fascista e fortalecimento de seu regime, do qual era o *Duce*⁷.

A formação do cidadão soldado fascista foi possível tanto por meio do consenso e convencimento através da introdução da ideologia fascista em diversos espaços educacionais, quanto também através da força (Gentile, 2005; Togliatti, 1978).

Nesse contexto, em seu texto *Os dois fascismos*, publicado no *L'Ordine Nuovo* em 25 de agosto de 1921, Gramsci entende que há dois fascismos: o fascismo parlamentar e o fascismo intransigente. A cisão entre ambos tiraria o fascismo da crise.

Para o filósofo italiano, o primeiro que era liderado por Mussolini, “graças ao apoio da classe média, dos empregados, dos pequenos comerciantes e dos industriais” procuraria “sua organização política, voltada necessariamente para uma colaboração com os socialistas e os populares”. Já o segundo, “que expressa a necessidade da defesa direta e armada dos interesses capitalistas rurais” prosseguiria com sua peculiar ação anti-proletária. Para essa última fração não teria valor nenhum o “pacto de trégua”. Portanto, essa crise marcaria apenas a saída dos *fasci di combattimento* que tentavam justificar o fascismo com um programa político geral de partido (Gramsci, 2020, p. 3).

Todavia, para esse revolucionário antifascista o verdadeiro fascismo, “aquele que os camponeses e os operários da Emília, do Veneto e da Toscana conhecem através da sofrida experiência dos últimos dois anos de terror branco” (Gramsci, 2020, p. 3), iria continuar possivelmente mudando de nome. No entanto, o fascismo não trocou de nome. Até seus últimos dias no poder conforme Gentile (2005) a cisão entre o *Duce* e o fascismo paramilitar se manteve, o que para esse autor contribuiu para o enfraquecimento e derrocada daquele regime.

Por essa razão, Gramsci afirma a existência desses dois fascismos: o fascismo parlamentar que agia através da colaboração com o partido socialista e popular, e o fascismo liderado pelos *fasci di combattimento* que disseminava o terror às organizações proletárias. Vale deixar claro que o primeiro era sustentado pelo segundo, pois a constante ameaça de violência às organizações da classe trabalhadora forçou o partido socialista a agir nos limites do terreno da transigência e colaboração com os fascistas no país e no Parlamento.

⁷ Termo que em italiano significa líder. No regime fascista era designado a Mussolini, considerado pelos seguidores como o líder da nação.

No entanto, para o filósofo sardo, se por um lado a onda de violência impiedosa das esquadras fascistas serviram aos capitalistas, por outro acabou contribuindo para a formação de opiniões hostis e adversas ao fascismo nas camadas médias e populares.

Ciente da existência do fascismo político e militar Togliatti (1978) entende que, devido à coação, muitos membros do Partido Fascista não eram apenas politicamente inativos, sem ocupação política, como também eram ligados ao fascismo por laços políticos bastante frágeis. Para sustentar esse pensamento ele cita o relato de um instrutor militante clandestino do PCI que escreve em seu relatório que em um certo dia se viu na presença de um empregado de uma grande associação comercial que chorava.

[...] Era numa grande cidade industrial. Que é que há? perguntou nosso instrutor. E o outro respondeu que estava desesperado porque tinha que pagar 40 liras para se inscrever no Partido Fascista. E por que então se inscreve? Ele respondeu que tinha que se inscrever se não quisesse ser dispensado na primeira redução de pessoal. Mas então você não é fascista? Eu, fascista? Os fascistas que vão pro diabo! (Togliatti, 1978, p. 42-3).

A partir desse relato do amigo e companheiro de partido de Gramsci enfatiza que os laços de vários membros do Partido Fascista eram exclusivamente de caráter econômico. No imediato muitos se declaravam fascista porque tinham que manter suas famílias. Logo, o que os ligava ao fascismo eram laços políticos muito débeis.

Lembrando que a filiação ao Partido Fascista ocorria de dois modos: pela coação direta e indireta. As coerções indiretas se caracterizavam pelo fato de que para exercer qualquer emprego público era exigida a inscrição no partido. A coerção direta e aberta era exercida nas fábricas sobre os operários. Na admissão entre dois desempregados, um filiado no partido e o outro não, o fascista era o escolhido. (Togliatti, 1978, p. 42).

Na Alemanha, Bararnowki (2014, p. 243) assegura que embora muitos alemães discordassem da violência aos judeus foram facilmente seduzidos pela “justiça da exclusão legal ou pelos benefícios materiais que a arianização lhes proporcionaria”, visto que as formações acadêmicas e oportunidades de carreira caíram significativamente durante a Depressão de 1929, o que motivou muitas pessoas a participar do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP) como solução para suas necessidades profissionais e tendências ideológicas. É válido frisar que as leis de Nurembergue⁸ permitiam que tudo que era retirado dos judeus fosse compartilhado entre os arianos, alemães considerados puros.

⁸Lei aprovada 1935 que ampliaram a desnaturalização dos judeus, as expropriações, as taxas punitivas e o bloqueio de contas bancárias e proibições de judeus em espaços públicos, teatros, restaurantes, piscinas e destinos turísticos (Bararnowki, 2014).

Do exposto, podemos entender que o fascismo de entreguerras, para se conservar no poder, inicialmente introduziu sua ideologia na cotidianidade das massas, sustentando-se sobremaneira na base econômica, nas dificuldades materiais e garantia de sobrevivência daquela nação. Fez uso da propaganda e criou organizações políticas. Porém, com o avanço das contradições ideológicas entre realidade e o que se propagava nos meios de comunicação, foi gradativamente enfraquecendo ideologicamente. Nesse momento, o uso da força por organizações militares e paraimitares sustentou o que não se contia mais através do consenso. Nesse cenário, os investimentos na polícia e na força militar em geral, a fim de barrar qualquer oposição política, foram de suma eficiência.

Nesse especto, Sznajder (2010) nos alerta que a natureza ideológica do fascismo é a intolerância. Por isso, para sua existência não aceitam a divergência política. E aqueles que não se rendem são eliminados, assassinados, neutralizados. Sendo assim, ainda que a princípio os fascistas agissem via consenso, o que preponderou no seu desenvolvimento foi o uso da força.

No tocante ao neofascismo brasileiro, nosso tema de estudos nesse trabalho, entendemos que pela sua complexidade se faz necessário apresentar os principais elementos que o caracterizam. Para isso, levaremos em conta os fatores nacionais como a crise da burguesia nacional e a debilidade das organizações da classe trabalhadora, a considerar o Brasil como capitalisticamente dependente. Além dos fatores internacionais como a crise estrutural do capital.

Entretanto, antes de apresentarmos mais a fundo o que caracteriza o neofascismo brasileiro enfatizamos que, no Brasil, um dos primeiros estudiosos a utilizar esse termo foi o Armando Boito Júnior. Para o intelectual brasileiro, o neofascismo surgiu no século XXI e, no caso do nosso país, na semiperiferia do sistema imperialista. É um movimento reacionário de massa, predominantemente da classe média, contra a reformismo burguês populista, que mobiliza uma crítica à corrupção e ao sistema democrático fundamentada no conservadorismo. E que chegou ao governo em 2018 financiado pelo capital financeiro internacional com o apoio da burguesia brasileira (Boito, 2020).

Nesse quadro, consideramos o **anticomunismo** como uma das características do fascismo clássico que ressurgue no neofascismo brasileiro. Sabe-se que paralelo ao advento da Primeira e Segunda Guerras Mundiais houve aumento de movimentos e partidos proletários pelo mundo inspirados na Revolução Russa de 1917. Assim, o comunismo era o monstro real capaz de esmagar o capitalismo. O fascismo na Itália e o nazismo na Alemanha surgem como promessas de também barrar aquela ameaça.

Nesse contexto de guerras no Brasil, conforme Doria (2020), surge o Integralismo, liderado por Plínio Salgado, com inspiração fascista⁹, mas não perdurou porque logo foi contido pelo então presidente de República, Getúlio Vargas, aliado dos Estados Unidos. O que revela que não é a primeira vez que o fascismo bate à nossa porta. Grupos de extremas direita bolsonaristas têm em suas pautas o anticomunismo. Exemplo disso é o movimento “Escola sem Partido” que visa combater professores de cunho marxista ou minimamente progressistas, e as inúmeras falas de Jair Bolsonaro que assume que um dos seus objetivos de governo era “varrer o comunismo do Brasil”.

Ressaltamos que embora o anticomunismo seja um dos elementos presente no neofascismo brasileiro e internacional, é preciso levar em conta que diferentemente do contexto de entreguerras, no qual havia uma forte mobilização de partidos da classe trabalhadora em oposição às ideologias fascistas, no século XXI tanto no Brasil quanto no cenário internacional a classe operária encontra-se órfã politicamente.

Se no século passado a ameaça comunista era real na medida em que a luta da classe trabalhadora contra o sistema do capital avançava em vários países com a fundação de partidos operários tendo como horizonte a Revolução Russa em 1917, no atual cenário encontramos partidos liberais que aderem em suas pautas políticas algumas demandas da classe trabalhadora, a exemplo disso, no Brasil dos últimos anos, é o Partido dos Trabalhadores (PT), o qual a partir das lentes gramscianas entendemos que age nos moldes da contrarrevolução, o que significa que assume em seu projeto de governo o regime de conciliação entre burguesia e proletariado, atitude de todos aqueles que agem conforme a legalidade burguesa a fim de manter estanque o atual sistema de exploração dos que produzem toda riqueza existente por aqueles “parasitas, isto é, pessoas que consomem sem produzir, que não ‘trocam’ trabalho por trabalho, mas o trabalho alheio pelo ‘ócio’ próprio” (Gramsci, 1999 p. 416), os conhecidos capitalistas.

Explicado isso, conforme Stanley (2018), a **defesa de um passado mítico** também é uma das características do neofascismo brasileiro. Para Mussolini, o Império Romano era um passado glorioso que precisava ser reestabelecido. O governo de Jair Bolsonaro foi marcado por inúmeras manifestações de seus adeptos clamando a volta da Ditadura Militar. Isso se evidenciou para o mundo logo após os resultados da disputa eleitoral à Presidência da República, em 30 de outubro de 2023. Mesmo com a vitória do candidato do PT, Lula, várias manifestações seguiram acontecendo nas rodovias brasileiras e em

⁹ Plínio Salgado viveu o encontro mais importante de sua vida no dia 14 de junho de 1930, quando visitou Mussolini em Roma (Doria, 2020).

frente aos quartéis militares, com pedidos de intervenção das forças armadas, inclusive com a quebra do silêncio de Bolsonaro excitando os manifestantes a continuarem lutando pelos seus ideais, estes por sinal antidemocráticos.

A passividade das forças de segurança pública perante essas manifestações levou à invasão do Congresso Nacional no dia 8 de janeiro de 2023, contando inclusive com o aval de diversos integrantes da defesa desse local e até mesmo por quem havia assumido o cargo de ministro da Justiça e Segurança Pública do Brasil entre 30 de março de 2021 a 31 de dezembro de 2022, Anderson Gustavo Torres.

Mas isso não foi o suficiente, uma minuta de golpe, uma proposta para estabelecer um decreto de defesa e impedir que o presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva, tomasse posse em 2023 foi encontrada na casa do referido ex-ministro da justiça.

Antes disso, vale pôr em destaque que a corrida à presidência da República em 2022 foi marcada por inúmeras tentativas de barrar as eleições, com a disseminação de *Fake News* sobre o sistema eleitoral e o Supremo Tribunal Federal. Além dessas informações inverídicas, no dia 30 de outubro desse mesmo ano, data do segundo turno, o uso da coerção às classes mais pobres do país se fez presente, a Polícia Rodoviária Federal (PFR) sob comando de Silvinei Vasques, intensificou as operações nas estradas federais da região Nordeste, maior base eleitoral do candidato do PT, possivelmente buscando inviabilizar a chegada desses eleitores em seus locais de votação.

Por meio da **propaganda**, considerada a segunda tática fascista por Stanley (2018), que se caracteriza como um disfarce anticorrupção, os grupos da extrema-direita condenam a corrupção no Estado, acusando seus opositores de corruptos, mesmo sendo invariavelmente muito mais corruptos do que os que procuram derrotar na arena política eleitoral.

Desse mesmo modo agiam os fascistas de entreguerras que usavam os meios de comunicação de massa (rádio, TV, jornais, cinema etc.) para propagar seus ideais e conspirações contra todos que lhes representam uma ameaça. Os nazistas, por exemplo, acusavam constantemente a imprensa, a oposição e os judeus como transgressores da lei.

No Brasil, grupos da extrema-direita, utilizam os meios de comunicação para hostilizar seus dissidentes, os partidos de esquerda, especialmente o Partido dos Trabalhadores (PT), atacar as Universidades Públicas, acusando os docentes dessas instituições de comunistas ou feministas radicais que propagavam um plano ideológico

de esquerda sob a farsa de pesquisa. Além disso, qualquer manifestação de estudantes e professores para esses grupos são consideradas balbúrdia.

Inspirados no governo de *Donald Trump*, que defendia explicitamente uma política de armamento da população e de intolerância aos imigrantes, muitos brasileiros rejeitam e culpabilizam os venezuelanos pela situação do aumento de desemprego no país. Além disso, incentiva-se também a aquisição de armas com a justificativa de se obter maior segurança do cidadão.

Além disso, **a distorção dos fatos** que caracteriza o negacionismo é outra característica do neofascismo brasileiro. Jair Bolsonaro não somente negou a existência da Covid-19 em suas redes sociais, nos pronunciamentos na TV e em todos os seus discursos, como também negligenciou uma lista de problemas sociais existentes no Brasil: violência urbana, propondo o uso de mais armas; miséria e fome, aprofundada pela crise pandêmica e sua mal gestão; desmatamento e; a violência contra mulheres, negros, nordestinos e LGBTQIA+.

Destacamos que tudo isso não era feito de maneira desintencional. A Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) revelou que na negligência do ex-governo federal, liderado por Jair Bolsonaro, perante às vidas perdidas pelo acometimento da COVID-19 havia interesses econômicos. Essa comissão demonstrou que houve a tentativa de superfaturamento do ex-presidente da república nas compras de vacinas, o que atrasou a aquisição de medicamentos, resultando em 689.853 pessoas mortas até 11 de dezembro de 2022.

Ademais, a negação do aquecimento global tinha como pano de fundo o fortalecimento de medidas provisórias em prol de madeireiros, garimpeiros e ruralistas do agronegócio. Um dos resultados mais drásticos dessa aliança entre Bolsonaro e esses grupos foi o ocorrido na aldeia *Yanomani*, revelado pela equipe de transição do governo Lula: fome, desnutrição, estupros e contaminação por doenças causadas pelo garimpo, perante as inúmeras negações de pedidos de socorro de representantes desses povos ao então governo.

Soma-se a isso a morte do jornalista britânico Dom Phillips e do indigenista Bruno Pereira no Vale do Javari na Amazônia em 5 junho de 2022 e a reação do ex-presidente Jair Bolsonaro diante do caso culpabilizando-os pela violência sofrida por estarem em uma área, segundo seu discurso, inóspita. Isso revela o conformismo e passividade do ex-chefe da República diante dos grupos que ameaçam cotidianamente a liberdade política a quem se opõem a suas práticas de silenciamento e extermínio.

A morte de Dom e Bruno e o explícito deboche do ex-chefe da República nos lembra a do deputado italiano *Giacomo Matteotti* que após intensas pressões levou Mussolini a assumir publicamente com quem estava comprometido, e consequentemente ao avanço do fascismo totalitário. Jair Bolsonaro em nenhum momento durante quatro anos de seu mandato apresentou críticas aos grupos que exploram e destroem as terras indígenas.

Não esqueçamos que *Giacomo Matteotti* foi o deputado que denunciou as ilegalidades cometidas nas eleições italianas de 1924. O parlamentar socialista apresentou um pedido de anulação das eleições junto a um dossiê que provava o financiamento ilegal do movimento fascista a candidatos do Partido Nacional Fascista (PNF), sobretudo de industriais e ruralistas. Em reação a essa atitude, em 10 de junho de 1924, membros do PNF sequestraram e mataram *Mateotti* e esconderam seu corpo que foi encontrado somente dois meses depois do assassinato (Magalhaes, Santos e Santos, 2022).

Após a morte de *Mateotti*, a partir do diálogo com Fresu (2017) e Togliatti (1978) constatamos que o fascismo enfrentou uma das suas mais duras crises. A repercussão do crime e o evidente envolvimento de Mussolini provocou intensas manifestações por todo o país. Os deputados da oposição como republicanos, socialistas e populares confiantes na intervenção do rei para restabelecer a ordem abandonaram o parlamento.

Somente o PCI, liderado por Antonio Gramsci, não deixou a tribuna, mas propôs a convocação de uma greve geral com a participação da classe trabalhadora e a criação de um parlamento alternativo antifascista. No entanto, não teve apoio suficiente dos demais partidos que àquela altura temiam *Mussolini*. Este que ao perceber a fragilidade e fragmentação de seus opositores assumiu a responsabilidade pela morte do ex-parlamentar e sinalizou que poderia fazer o mesmo com quem se opunha a seu regime que a partir daquele momento para Togliatti (1978) entraria na sua fase totalitária.

Nessa fase, denominada por Fresu (2017, p. 72) de “caça ao homem, rua por rua” Antonio Gramsci foi preso em 8 de novembro de 1926, ficando detido entre um cárcere e outro durante 11 anos. Gramsci faleceu no dia 27 de abril de 1937, longe dos seus dois filhos Delio e Giuliano e da esposa Giulia. Mas seu legado continua vivo entre nós. A leitura do atual cenário neofascista a partir das lentes gramscianas nos prova a atemporalidade de seu pensamento.

Feita essa breve explicação da semelhança entre o comportamento de Mussolini perante a morte de *Mateotti* e Bolsonaro diante da de Bruno e Dom, ressaltamos que a

tentativa de eliminação dos povos indígenas é um problema não especificamente do governo bolsonarista (2019-2022), mas perdura ao longo da história do Brasil, desde a colonização do século XVI. A aprovação na câmara pela bancada ruralista do Projeto de Lei (PL) 490 no dia 30 de maio de 2023 que institui o marco temporal, o qual visa definir uma data a partir da qual os territórios podem ou não ser considerados Terra Indígena, contrariando o artigo 231¹⁰ da Constituição brasileira, demonstra que essa questão é um problema brasileiro antigo que sempre se renova.

Nos quatro anos sob controle bolsonarista a Fundação Nacional dos Povos indígenas (FUNAI) se tornou uma instituição de repressão desses povos e eliminação de direitos conquistados. A aprovação do PL 409 por 283 votos de deputados a favor e 155 contra, representa um alerta que o Bolsonarismo continua vivo e atuante. A fala do atual presidente da câmara, Arthur Lira, afirmando que o Congresso é conservador e liberal é um recado dado ao atual presidente Lula que vai ter de ceder às ambições do centrão¹¹ se não quiser maiores complicações em seu governo.

Nesse ângulo, no que diz respeito ao extermínio de um povo, a partir de Baranowski (2014), consideramos que o neofascismo brasileiro se assemelha mais ao fascismo de Hitler do que o de Mussolini. Para essa estudiosa, uma das principais metas do império nazista era o extermínio dos judeus, o principal inimigo da nação, culpados pelo não progresso e ruína alemã.

Nesse aspecto, Bolinaga (2007) afirma que o racismo não é uma característica essencialmente do movimento fascista italiano, pois ele só surge de maneira mais evidente a partir da aproximação entre Hitler e Mussolini em 1938. Isso intensificou o já existente conflito interno entre membros do PNF e o *Duce*. Para os integrantes do partido, as medidas raciais italianas não passavam de cópias dos ideais nazistas.

Ademais, consideramos que o governo neofascista brasileiro se aproxima mais do fascismo alemão não somente por conta de seus apoiadores, sobretudo os ruralistas, desejarem o extermínio dos indígenas, mas por conta de ao longo desse governo células nazistas terem aumentado significativamente e adolescentes idolatradores de Hitler terem realizado massacres em escolas. Além disso, o próprio Bolsonaro inúmeras vezes bebeu leite (símbolo da supremacia branca) em suas *lives*; em 2021 encontrou Beatrix Von

¹⁰Reconhece que são reconhecidos aos índios sua organização, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

¹¹ Parafraseando Maquiavel (2015) consideramos os partidos que compõem o centro da política brasileira (Partido Liberal, Republicanos, Movimento Democrático Brasileiro, Partido Social Democrático e Partido Social Cristão) não são fiéis ao neofascismo, mas configuram-se como tropa de mercenários que lutam ao lado de quem lhe entregar mais rendimentos econômicos.

Storch, líder do partido nacionalista de extrema-direita alemão (AfD); o slogan Brasil acima de tudo é uma frase textualmente nazista; seu ex-secretário de Cultura, Roberto Alvim, faz alusão às palavras de Joseph Goebbels (ministro de propaganda nazista); deputados que compunham sua base partidária exaltavam Hitler. Por fim, convém questionar: será que todas as vezes que seguidores de Bolsonaro levantavam a mão em um gesto semelhante ao *heil hitler* estavam realmente em oração?

Nesse sentido, a partir de Baranowski (2014), entendemos que assim como o nazismo na Alemanha, o neofascismo brasileiro está mais à direita, pois tem como maior base de apoio os movimentos de extrema-direita. Estes, por sua vez, encontram sustentação no conservadorismo de religiosos que pregam a defesa de Deus e da família cristã.

De acordo com a supracitada autora, a propaganda de Goebbels recorria com frequência aos temas cristãos da morte e ressurreição, sobretudo, quando o ministro de propaganda já não podia mais esconder as derrotas militares do público. O antissemitismo e anti bolchevismo também eram características preponderantes do Terceiro Reich. No Brasil, percebemos o desprezo da extrema-direita a grupos marginalizados e ao comunismo.

Nesse sentido, o **conservadorismo** é outra característica marcante, senão, base de toda ideologia bolsonarista. Lembremos que o ex-presidente foi eleito em 2018 com o lema Deus, pátria e família. Um Deus cristão, uma família heterossexual patriarcal branca e elitista e um patriotismo entreguista de viés estadunidense.

Nesse cenário, o ataque aos grupos historicamente marginalizados como os indígenas, negros, nordestinos, LGBTQIA+ e sobretudo às mulheres se fez presente. Damare Alves, ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (2019-2022) não somente foi uma das porta-vozes do conservadorismo, como também exerceu o papel de veemente perseguidora dos direitos das mulheres: abominou a educação sexual para crianças e adolescentes nas escolas e dilacerou discursos antiaborto.

Conforme um estudo realizado pela antropóloga Debóra Diniz, Bolsonaro criou várias barreiras aos direitos femininos, como a cartilha que considerava qualquer aborto como crime e obrigava médicos a comunicar esses procedimentos à polícia.

Vale frisar que nessa onda conservadora, Bolsonaro não estava sozinho. Um estudo realizado por Sepulveda, Sepulveda e Sepulveda (2020, p. 215) destaca que Steve Bannon, chefe da campanha eleitoral de Donald Trump em 2016, também auxiliou na eleição de Jair Bolsonaro em 2018. Além disso, através de um projeto chamado *The*

Movement tem influenciando nas eleições de países europeus. “Começando com o partido Vox na Espanha, no qual conseguiu eleger treze deputados, Marine Le Pain na França e Salvini na Itália. O discurso de Bannon pode ser visto também no partido CHEGA em Portugal, numa mensagem de ataque à globalização e à diversidade”.

Lembremos que Steve Bannon estava envolvido com o escândalo da Cambridge Analytica que usava dados da internet dos usuários.

O ex-estrategista-chefe de Trump teria usado dados de usuários — suas buscas em pesquisadores de internet, comentários em redes sociais e influenciadores — para desenvolver seu projeto de convencimento do eleitorado. Tanto na produção de fake news sobre Hillary Clinton — adversaria de Trump nas eleições presidenciais — quanto na exploração da xenofobia com latinos e negros (Sepulveda, Sepulveda e Sepulveda, 2020, p. 216).

Ainda para os citados autores, esse modelo tem sido importado por vários países. Os candidatos que Bannon apoia possuem narrativas semelhantes, essencialmente o discurso fundamentalista religioso, mas adaptados conforme a realidade política, econômica e social de cada lugar. Ademais, é através da construção de vilões que Bannon alicerça sua política. No Brasil, o vilão foi o atual presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o partido dos trabalhadores (PT), em Portugal o Partido Socialista (OS) e os imigrantes, na Espanha os refugiados e, nos Estados Unidos da América os mexicanos.

Nessa perspectiva, a partir do diálogo com Stanley (2018), entendemos que no Brasil a classe média faz uso do sétimo pilar do fascismo, a **vitimização**, pois diante da perda de seu *estatus quo* afirmam serem vítimas das minorias historicamente marginalizadas. Em razão disso, atacam as cotas raciais com a justificativa de que os negros por meio dessa política afirmativa estão “tomando” a vaga de quem realmente merece, reafirmando assim, o discurso da meritocracia. Além disso, dizem-se vítimas do feminismo, pelo fato das mulheres passarem a ocupar espaços antes dominados por homens e lutarem pela igualdade de gênero.

Considerado isso, compreendemos que os valores da sociedade patriarcal conservadora é um dos alicerces do neofascismo que não surgiu de um dia para o outro, mas há anos habita entre nós, como demonstra Reich (1933).

Reich (1933, p. 49), em sua obra *A Psicologia de Massas do Fascismo*, levanta uma importante questão que nos ajuda a compreender por que milhões de alemães apoiaram a própria opressão.

A questão fundamental é saber por que motivo as massas se deixam iludir politicamente. Se tinham a possibilidade de avaliar a propaganda dos diferentes partidos políticos, por que motivo não descobririam que Hitler simultaneamente prometia a expropriação dos meios de produção, quando se dirigia aos trabalhadores, e dava garantias contra a expropriação, quando se dirigia aos capitalistas?

Para o supracitado autor, isso não é um questionamento de fácil resposta. Por isso, em primeiro lugar é preciso compreender essas contradições, e em segundo, conhecer a origem comum dessas mesmas contradições, nas contradições de produção imperialista. Para tanto, Reich limita-se às questões de ideologia sexual.

Reich (1933), assim como Paris (1976) e Stanley (2018), entendem que o fascismo não decorreu apenas de fatores sociais, econômicos e políticos, mas tudo isso juntaram-se às contradições da vida sexual, à repressão da vida amorosa de homens e mulheres.

Nesse quadro, a partir do diálogo com ambos os autores, acreditamos que o reacionarismo neofascista encontra raízes também nos valores da sociedade patriarcal fundamentada na propriedade privada – esta garantida segundo Engels (2019) pelo casamento monogâmico – que reprime os desejos sexuais, sobretudo das mulheres.

Interessa-nos frisar que, nos regimes de cunho neofascista, um dos primeiros grupos a serem perseguidos e a ter seus direitos retirados são as mulheres. Margaret Atwood, em sua obra *O Conto da Aia*, escrita em 1985, relata que, em Gilead — um país fictício governado por fundamentalistas religiosos baseados no Antigo Testamento bíblico —, as Aias eram utilizadas para gestar crianças para os comandantes e suas esposas inférteis. É impressionante como essa obra distópica nos ajuda a compreender a atual onda reacionária e neofascista no Brasil. A extrema-direita brasileira encontrou nos movimentos conservadores seus principais aliados.

Gentile (2005), um dos poucos autores a abordar a situação das mulheres no fascismo italiano, enfatiza que, naquele país sob comando de Mussolini, às mulheres lhes cabia apenas a tarefa de assistência e mobilização civil, permanecendo excluídas da participação política. De antemão, consideramos que a atuação feminina no fascismo de entreguerras carece de estudos posteriores, infelizmente pela brevidade de nosso tempo, não aprofundaremos essa questão.

Destacado isso, no Brasil, nos últimos dias um acontecimento que nos auxilia a compreender o conservadorismo antifeminista bolsonarista é a votação de 10 deputadas contra o projeto de lei de paridade salarial entre mulheres e homens, felizmente aprovado

no dia 4 de maio de 2023. Anterior a isso, Bolsonaro ao longo de suas campanhas eleitorais fez ataques às mulheres, utilizou da imagem e companhia de Michele Bolsonaro, a qual em várias ocasiões defendeu o pensamento que coloca a mulher como mera “ajudadora” de seu marido.

Esses fatos nos levam a entender que não foi, portanto, por mera rejeição aos escândalos de corrupção nos governos do PT e à crise econômica que grupos e igrejas evangélicas declararam e ainda declaram apoio às pautas bolsonaristas, que reprimem à liberdade de ser e existir de quem não se enquadra nos moldes do que consideram como verdadeiros cristãos, como feministas e LGBTQIA+.

Exposto isso, embora o nacionalismo seja outra característica marcante do fascismo de entreguerras, isso se evidenciava nos discursos de Mussolini e Hitler, nos seus lemas de partido, nos programas e reformas educacionais, nas propagandas etc. No governo de Bolsonaro mesmo que o slogan Brasil acima de tudo, Deus acima de Todos, fosse uma tradução do lema nacionalista nazista, compreendemos que o nacionalismo bolsonarista era um nacionalismo subserviente aos interesses internacionais, pois defendia a entrega de riquezas naturais como petróleo, pedras preciosas e madeiras para companhias estrangeiras a preço abaixo de seus valores no mercado internacional.

Isso distancia o nacionalismo neofascista de Bolsonaro do nacionalismo fascista italiano e alemão do pós-guerra. Na Itália, Mussolini aproveitou a acusam da vitória mutilada para fortalecer o nacionalismo fascista. O chefe italiano acusava de traição os aliados sob a justificativa que estes não reconheceram a contribuição da Itália na Guerra e nem cumpriram o Pacto de Londres, assinado em 1915 e que legitimou a entrada da Itália na Primeira Guerra Mundial para lutar ao lado da Tríplice Entente composta por Grã-Bretanha, França e Rússia.

Na Alemanha, um dos elementos através do qual Hitler uniu os alemães em torno das ideias nazistas foi a defesa de que a Alemanha teria sido prejudicada no Tratado de Versalhes¹², e de fato foi. Assim, muitos viram no nazismo o retorno de seu país como grande potência mundial.

Pelo visto, em ambos os países fascistas europeus o nacionalismo era alicerçado na real busca de soberania nacional. No Brasil, durante o neofascismo liderado por Bolsonaro o que vimos foi milhões de pessoas — apesar de unidas em torno do lema

¹² Acordo de paz assinado no dia 28 de junho de 1819, em Paris, que pôs um fim oficial à Primeira Guerra Mundial, responsabilizou a Alemanha pelo conflito e impôs uma série de sanções políticas, econômicas e militares aos alemães, dentre as quais a redução de seu exército, reparações de guerra e divisão dos territórios conquistados com países vizinhos. Conhecido também como a “paz dos vencedores”.

“Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, e vestidas de verde e amarelo — defendendo o estado mínimo e o livre mercado. Um estado diminuto para as classes populares e um estado macro para empresas nacionais e estrangeiras.

Assim, vestidas na camisa da seleção brasileira ecoavam uníssono a defesa da entrega de estatais brasileiras para a administração privada. E, do ouro das terras indígenas e todas as riquezas da Amazônia para a exploração ilegal. Atitudes de um povo que demonstram não a defesa de sua nação, mas a sua rendição.

Desse modo, consideramos o nacionalismo como um dos elementos do fascismo clássico que ressurgiu no neofascismo brasileiro, mas entendemos que há diferenças no nacionalismo de um país colonizado historicamente do nacionalismo das grandes potências mundiais que permanentemente estão em busca de manter seu *status quo*.

O neofascismo brasileiro não é somente subserviente ao capitalismo internacional, como também é resultado do neofascismo internacional que ressurgiu no Brasil e no mundo no presente século. A onda neofascista que chegou no Brasil e se instalou no poder entre 2019 - 2022 esteve presente em 2016 nos Estados Unidos com a eleição de Donald Trump, que voltou a assombrar o país norte-americano com o retorno em 2024 como um presidente mediático e reacionário.

Na Itália Georgia Meloni, líder do partido de extrema-direita *Fratelli d'Italia* (Irmãos da Itália), foi eleita a chefe de governo em setembro de 2022. A primeira mulher italiana a se tornar primeira-ministra do país europeu carrega consigo o lema “Deus, pátria e família” e define-se como mulher, mãe e cristã. Além disso, a considerada herdeira do fascismo de Mussolini tem como pauta de governo o antiaborto, proibição do casamento gay e a imigração, e saída da União Europeia.

Seguindo essa mesma direção, na Holanda o Partido pela Liberdade (PVV), liderado por Geert Wilders saiu vitorioso nas eleições de novembro de 2023. O partido de extrema-direita holandês é abertamente contra imigrantes, sobretudo muçulmanos, e anti União Europeia.

Na América Latina, nosso país vizinho, Argentina, elegeu Javier Milei do partido A Liberdade Avança também em novembro de 2023, um economista ultraliberal que propõe a dolarização da economia, eliminação do Banco Central, liberação de armas para os cidadãos e a privatização de empresas públicas. Além disso, afirma-se como antiaborto e defensor da venda de órgãos.

Além desses supracitados países, na Alemanha tem crescido nos últimos anos o partido de extrema-direita AfD (Alternativa para a Alemanha), considerado abrigo de

defensores do nazismo, fundado em 2013 a princípio como uma sigla anti União Europeia, mas após a crise dos refugiados de 2015-2016 tendeu a ultradireita, aderindo radicalmente a pautas anti-imigração. Em 2021, Beatrix Von Storch, uma de suas deputadas, veio ao Brasil a encontro do ex-presidente Jair Bolsonaro. A prova que a sombra do holocausto continua a rondar os alemães é o forte apoio à AfD, especialmente no leste do país que constituía a antiga Alemanha Oriental Comunista. Em julho de 2023 o partido neonazista elegeu seu primeiro prefeito na cidade de Ragnh-Jeßnitz, Robert Sesselmann (Brasildefato, 2023).

Essas são apenas algumas amostras de como a extrema-direita neofascista ganha terreno em vários países, desenvolvidos e em desenvolvimento, o que revela que a eleição de Jair Messias Bolsonaro em 2018, não foi um fato isolado, mas possui conexões com a crise internacional do sistema do capital que para Mészáros (2006) encontra-se em uma das suas mais severas crises. Nesse contexto, a ascensão nos últimos anos de direitos de grupos historicamente marginalizados ocasionou a revolta de grupos extremistas favoráveis a eliminação de políticas públicas mantidas pelo Estado.

Nesse sentido, o nacionalismo bolsonarista é antinacional (por ser contra a soberania da própria nação) e subserviente aos interesses do capital internacional em vista do Brasil ser um país localizado na periferia do imperialismo econômico capitalista.

Nesse panorama, destacamos que para Gramsci (2012, p. 20) quanto mais a vida econômica imediata de uma nação é subordinada às relações internacionais, mais um dado partido se põe como representante dessa situação e a aproveita para impedir o avanço dos partidos opositores. A partir disso para o filósofo italiano pode-se concluir que “com frequência, o chamado ‘partido do estrangeiro’ não é propriamente aquele que é habitualmente apontado como tal, mais precisamente o partido mais nacionalista”, que ao invés de representar as forças e interesses do próprio país, “representa sua subordinação e servidão econômica às nações ou a um grupo de nações hegemônicas”.

Por isso, entendemos a partir de Gramsci (2012) que para entendemos o nacionalismo bolsonarista é necessário compreender que o Brasil é um país subordinado às relações internacionais, situado na periferia do capital. O surgimento do neofascismo, portanto, é uma marca da crise global do sistema vigente que a todo o custo busca matéria-prima e mão de obra barata para manter o grande monopólio imperialista em decadência. Para tanto, desestabiliza democracias para impor seus representantes, isso aconteceu no nosso país e em outros países da América Latina.

Nesse percurso, monopólios tecnológicos como *Meta* (proprietária do *Facebook*, *Instagram* e *Whats App*), *Alphabet* (dona do *Google* e *Youtube*), *Twitter*; *Apple*, *Amazon* e *Microsoft* tiveram um papel crucial na desestruturação de democracias burguesas no mundo. Bolsonaro foi eleito assim como *Donald Trump*, nos Estados Unidos, com o auxílio de *fake news* divulgadas por meio dessas empresas. Não é por acaso que essas *big tecs* tentam barrar, e conseguiram adiar a votação do Projeto de Lei 2630/2020, conhecido como PL das *Feke News*, que visa regulamentar as redes sociais no Brasil.

Nesse contexto, Korybko (2018, p. 100) afirma que visando, sobretudo, seus interesses econômicos, um único país do mundo, os Estados Unidos vêm fazendo uso de um recente e ainda em desenvolvimento estilo de guerra, a guerra híbrida, que consiste em um novo horizonte de combate utilizado por esse país para troca de regimes. Essa estratégia poupa os EUA dos riscos políticos e militares que existe na intervenção direta, visto que usa “indiretamente uma miscelânea de grupos por procuração para realizar, por Washington, o que meio milhão de soldados [...] podem ser capazes de conseguir diretamente”.

Para esse autor estadunidense essa nova tática de conflito possui dois pilares: revoluções coloridas e guerras não convencionais. As primeiras usam procuradores políticos e sociais para abalar o tecido social do Estado-Alvo, isto é, desestabilizar a sociedade e gerar o caos político como a descrença em seus líderes e instituições democráticas. Já o segundo segue alguns padrões e estratégias das teorias militares como uso de grupos armados e é mais violento. Em ambos os estágios as redes sociais são utilizadas. Korybko (2018) analisa especificamente o caso do *Facebook* como grande aliado dos EUA nessa guerra.

Nesse horizonte, as *Thinks Tanks* têm uma importante função em desestruturar democracias formais burguesas contrárias ou que representam um empecilho aos interesses do capital financeiro e industrial internacional. Essas organizações têm ganhado espaço não somente nas plataformas digitais, mas também no âmbito educacional.

Em suma, consideramos o governo de Jair Bolsonaro neofascista por apresentar características do fascismo de entreguerras, como o anticomunismo, defesa de um passado mítico e dos valores da sociedade patriarcal, uso massivo da propaganda, distorção da verdade e ataque aos grupos historicamente marginalizados como mulheres, negros, povo originários, LGBTQIA+. Embora no fascismo clássico líderes políticos utilizassem as tecnologias para propagação de suas ideologias, no fascismo do século

XXI as tecnologias digitais que permitem a disseminação de *Feke News* e em uma velocidade eletrizante é uma das principais marcas que difere o neofascismo daqueles fascismos.

A compreensão do que foi o fascismo de entreguerras e suas relações com o neofascismo brasileiro revela-se de suma importância para enxergarmos a extrema-direita bolsonarista que se apresenta sob a máscara de defensora de Deus e da família para além de sua aparência fenomênica, desvelando seu rosto de guardiã do sistema do capital vigente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visto o fascismo não é um fenómeno que se restringe à Alemanha e Itália de entre guerras, mas está presente em outros tempos e contextos históricos. No século vigente ressurgiu com uma nova máscara, mas com elementos que se conservam como o anticomunismo, defesa de um passado mítico e dos valores da sociedade patriarcal, uso massivo da propaganda, distorção da verdade e ataque aos grupos historicamente marginalizados — como mulheres, negros, povos indígenas e imigrantes. Diante disso, utilizamos o termo neofascismo para nomear sua expressão durante o governo de Jair Messias Bolsonaro. Vale deixar claro que o neofascismo ainda permanece alicerçado na sociedade brasileira, inclusive com chances reais de voltar ao poder nas eleições presidenciais de 2026.

Diferente do fascismo do século XX, na atualidade, grupos reacionários, sobretudo os de extrema-direita não enfrentam uma classe trabalhadora politicamente organizada, como o Partido Socialista Italiano (PSI), posteriormente o Partido Comunista Italiano (PCI), ou a Internacional Comunista. Pelo contrário, encontram uma classe trabalhadora desagregada politicamente. Nesse contexto, atacam partidos de esquerda ou centro-esquerda, que, mesmo liberais e neoliberais, ainda agregam em suas pautas de governo algumas demandas da classe trabalhadora.

Em um cenário de crise do sistema capitalista qualquer concessão de direitos aos trabalhadores via legalidade burguesa é vista como um ataque ao *status quo* da pequena e média burguesia que embora também explorada não se vê como classe trabalhadora. Prefere-se comparar aos que estão em situação pior a admitir sua própria precariedade. Foi essa mentalidade que levou grande parte da classe média brasileira a aderir ao bolsonarismo, vendo nele uma forma de se diferenciar socialmente das camadas mais pobres. A presença de filhos da classe trabalhadora nas mesmas escolas, universidades

e espaços públicos passou a ser percebida como afronta. Essa postura reacionária já havia sido identificada por Gramsci, que via a classe média como a classe parasitária e hospedeira do fascismo.

Nesse contexto, as plataformas digitais como Facebook, Instagram e outras pertencentes ao conglomerado *Meta* tornaram-se terreno fértil para a disseminação de ideologias neofascistas, atingindo milhões de brasileiros. Mesmo com o acesso constitucional à educação até os 17 anos, o estímulo ao pensamento crítico é sistematicamente limitado. O acesso à universidade, onde a criticidade pode florescer, é alvo de políticas excludentes e de campanhas que deslegitimam o ensino superior. Ainda assim, é justamente a educação crítica que se mostra uma das mais importantes barreiras ao avanço do neofascismo no Brasil.

Segundo diversos estudos, o Nordeste é a região do país que mais lê — e foi, politicamente, quem barrou a continuidade do bolsonarismo no poder, pois foi o estado que garantiu a vitória eleitoral de Lula no dia 30 de outubro de 2022. A consciência política e o engajamento social presentes nessa região mostram que a educação pode, sim, fazer diferença. Como nos ensina Antonio Gramsci, a educação com horizonte emancipador é uma das maiores armas da classe trabalhadora contra o capitalismo e o fascismo. Por isso, as universidades são alvo constante de ataques da extrema-direita — ataques que não são acidentais, mas estratégicos.

Concluimos, portanto, esperando que este trabalho sirva como instrumento de reflexão sobre as novas máscaras do fascismo que escondem o seu velho rosto de guardião do sistema capitalista. Além disso, que possa contribuir com a luta contra os grupos reacionários que, disfarçados de neutralidade ideológica, através da defesa da “Escola Sem Partido” tentam cercear a liberdade de pensamento e expressão nos poucos espaços onde a classe trabalhadora ainda tem acesso ao conhecimento historicamente sistematizado: a escola.

REFERÊNCIAS

ATWOOD, Margaret. **O conto da Aia**. Tradução de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

BOITO, Armando, Junior. Por que caracterizar o bolsonarismo como neofascismo. **Crítica Marxista**, n.50, p.111-119, 2020. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/dossie2020_05_26_14_12_19.pdf. Acesso em: 25 de Set. de 2021.

BOLINAGA, Iñigo. **Breve História del Fascismo**. Madrid: Nowtilus, 2007.

BARANOWSKI, Shelley. **Império e o colonialismo alemão de Bismarck a Hitler**. Tradução de Fernanda Brito Bincoletto. São Paulo: EDIPRO, 2024.

CARVALHO, Edmilson. **A produção dialética do conhecimento**. Maceió: Coletivo Veredas, 2017. p. 19-112.

CAVALCANTE, Sávio. Classe média e ameaça neofascista no Brasil de Bolsonaro. **Crítica Marxista**, n.50, p.121-130, 2020. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/dossie2020_05_26_14_14_3_4.pdf. Acesso em: 26 de Set. de 2020.

CURY, Carlos Roberto Jamil; REIS, Magali; ZANARDI, Teodoro Adriano Costa. **Base Nacional Comum Curricular: dilemas e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 2018.

DORIA, Pedro. **Fascismo à brasileira** – como o integralismo, maior movimento de extrema-direita da história do país, se formou e o que ele ilumina sobre o bolsonarismo. São Paulo: Planeta, 2020.

DUGGAN, Christopher. **Giolitti, a primeira Guerra Mundial e a ascensão do fascismo**. In: História concisa da Itália. São Paulo: Edipro, 2016.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do estado: em conexão com as pesquisas de Lewis**. São Paulo: Boitempo, 2019.

FRESU, Gianni. **Nas Trincheiras do Ocidente: Lições sobre fascismo e antifascismo**. PontaGrosa: Ed. UEPG, 2017.

FRESU, Gianni. Gramsci e o Fascismo. **Revista Práxis e Hegemonia popular**, ano 4, n. 4, p. 9-20, jan./jul., 2019. Disponível em: <http://igsbrasil.org/praxis/edicao-4/gramsci-e-o-fascismo/>). Acesso em: 17 de ago. de 2020.

GENTILE, Emílio. **La via italiana al totalitarismo: Partido y estado en el régimen fascista**. Tradução de Luciano Padilla. Buenos Aires : Siglo XXI Editores Argentina, 2005.

GRAMSCI, Antonio. **Caderno 10 (1932-1935) A filosofia de Benedetto Croce**. In: Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**, volume 2: os intelectuais, o princípio educativo. Tradução Carlos Nelson Coutinho. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

GRAMSCI, Antonio. **Os dois fascismos**. Campinas, SP: Cadernos Cemarx, nº 13, 2020. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cemarx/article/view/14746/9727>. Acesso em: 31 de maio de 2023.

GRAMSCI, Antonio. **Escritos políticos (1921 -1926)**. Organização e tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GRAMSCI, Antonio. **Caderno 13 (1932-1934)**: Breves notas sobre a política de Maquiavel. In: Cadernos do Cárcere. Edição e tradução, Carlos Nelson Coutinho. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2012.

GRAMSCI, Antonio. **Caderno 11 (1932-1933)**: Introdução ao estudo da filosofia. In: Cadernos do Cárcere: Volume 1. Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GRAMSCI, Antonio. Caderno 10 (1932-1935) A filosofia de Benedetto Croce. In: Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KONDER, Leandro. **Introdução ao Fascismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

KORYBKO, Andrew. **Guerras Híbridas**: das revoluções coloridas aos golpes. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

MAQUIAVEI, Nicolau. **O príncipe**. Tradução de Lívio Xavier. 4 ed. São Paulo: Edipro, 2015.

MÉSZÁROS, Istvan. Aspectos Estéticos. In: MÉSZÁROS, Istvan. **A teoria da alienação em Marx**. São Paulo: Boitempo, 2006. p. 173-193.

MAGALHÃES, A. M. S; SANTOS. P. P; SANTOS, M.E.M. **Por uma breve análise do contexto histórico fascista italiano**. In: III COLÓQUIO INTERNACIONAL ANTONIO GRAMSCI (IGS-BRASIL) Filosofia da práxis e tradutibilidade: legado de Gramsci na América Latina, 2022, Goiânia. **Anais**.

NETTO, Paulo Júnior. **Introdução ao estudo do método de Marx**. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

ORWELL, George. **O que é fascismo e outros ensaios**. Companhia das Letras, 2017.

PARIS, Robert. **As origens do Fascismo**. Tradução: Elisabete Perez. Editora Perspectiva, 1976.

PARTIDO AfD, de extrema direita, elege primeiro prefeito na Alemanha. Disponível em: [Partido AfD, de extrema direita, elege primeiro | Internacional \(brasildefato.com.br\)](https://brasildefato.com.br/partido-afd-de-extrema-direita-elege-primeiro/). Acesso em: 04 de jan. de 2023.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de Massas do Fascismo**. Tradução: Maria da Graça M. Macedo. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1933.

SZNAJDER, Mario. Fascismo e Intolerância. In: CARNEIRO, Maria Lúcia Tucci; CROCI, Federico. **Tempos de fascismos**: ideologias, Intolerância, Imaginário. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2010.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**: a política do nós e eles. Tradução de Alexand, Bruno Brasil: L&PM, 2018.

SEPULVEDA, José, Antonio; SEPULVEDA, Yuri; SEPULVEDA, Denise. **Neofascismo e educação em um contexto de fundamentalismo religioso cristão**. In: (NEO)FASCISMOS E EDUCAÇÃO: reflexões críticas sobre o avanço conservador no Brasil. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020.

TOGLIATTI, Palmiro. **Lições sobre o fascismo**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.

VAISMAN, Ester. A ideologia e sua determinação ontológica. **Verimotio revista on-line**, n. 12, ano VI, out./2010.

ZETKIN, Clara. **Como nasce e morre o fascismo**. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.